

# BEM VINDO AO PORTO:

## *GRAFFITINA PAISAGEM DA REGIÃO PORTUÁRIA DA CIDADE DE PELOTAS/RS*

FABRICIO BARRETO<sup>1</sup>

A região portuária de Pelotas é especialmente profusa em *graffiti*<sup>2</sup>. Herdeira de um potente pólo industrial, a região atualmente abriga ruínas dos prédios que, outrora, compunham um conjunto de imponentes fábricas promissoras do projeto modernista. A falência do modal fabril da época tem hoje a aparência do abandono, do decrepito. Existe uma lógica associada ao *graffiti* que é trabalhar nos interstícios, naquelas zonas degradadas da cidade, e a ruína faz parte dessa lógica. Assim, a região portuária pelotense tornou-se um laboratório para artistas de rua. Nos relatos de grafiteiros locais, a área é uma espécie de escola, onde há liberdade para grafitar sobre longos muros e paredes abandonadas, promovendo a transeuntes a sensação de estar em uma galeria a céu aberto.

Enquanto arte efêmera, o *graffiti* explicita a condição de impermanência da cidade, entidade em constante mutação, cuja potência de ação é capaz de transformar a paisagem urbana da noite para o dia, provocando, também, diferentes reações em seus espectadores. Para algumas pessoas pode ser odioso, um componente de confronto e desestabilização do que era familiar. Para outras pessoas pode ser entendido como o novo que deve ser acolhido com curiosidade e apreciação. Neste sentido, percebemos o *graffiti* como fomentador de sensações ambíguas que se encontram entre o repúdio e a empatia, mas também um convite à ação, uma força que chama à interação. Estou me referindo a uma prática capaz de acionar desejos, instigar a imaginação, promover novas condutas a partir de estímulos aos sentidos, funcionando como produção subjetiva e impacto social. Inscrições urbanas subvertem planos urbanísticos.

O bairro Porto, como é conhecido pela população pelotense, se conformou a partir das atividades industriais desenvolvidas no séc. XX, caracterizando-o como um bairro operário, evidência constatada tanto pelas edificações fabris como também pelas inúmeras construções residenciais que serviram de moradia operária. Desde 2007, quando a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) aderiu ao Programa de

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia pela UFPEL e pesquisador do NAVISUAL/UFRGS

<sup>2</sup> Utilizarei o termo *graffiti* para tratar desta expressão urbana, pois, como Celso Gitahy (1999:13), acredito que “há palavras que devem permanecer em sua grafia original pela intensidade significativa com a qual teatralizam dentro de um contexto”.

Reestruturação e Expansão das Universidades Federais<sup>3</sup>, o bairro vem tomando características universitárias. A UFPEL adquiriu prédios da indústria para desenvolvimento de atividades acadêmicas, ampliando significativamente sua atuação no bairro. Com isso, aumentou o número de estudantes, professores e servidores que passaram a frequentar a área. Somado a uma diversidade de atividades comerciais direcionadas às demandas estudantis, o mercado imobiliário voltou-se à região interessado em atender a procura por moradias estudantis. Importante ressaltar que muitos grafiteiros da cidade foram ou são estudantes de Artes Visuais da UFPEL, cujo Centro de Artes, uma das unidades da Universidade, está localizado no bairro Porto.

Em 2016, o porto da cidade, que atendia exclusivamente ao transporte de grãos, teve suas atividades intensificadas quando a Sagres Agenciamentos Marítimos, empresa que opera no ramo de transporte hidroviário, passou a realizar, a partir de Pelotas, o aporte logístico na embarcação de toras destinadas a indústria de celulose. A presença da empresa estabeleceu uma nova rítmica à região, acentuando o processo acelerado de transformação urbana do bairro. Vias foram asfaltadas e o trânsito de caminhões carregados de madeira tornou-se uma constante no cotidiano portuário. A empresa patrocinou eventos voltados ao *graffiti*, e, assim, os desenhos, que inicialmente estendiam seus traços de acordo com as capacidades do corpo humano, se implementaram com a ajuda de máquinas sobre-humanas. Grafiteiros de diferentes cidades do Brasil e exterior estiveram grafitando na cidade e a arte urbana tomou outras proporções em Pelotas.

Como podemos observar, é possível entender o *graffiti* como um dos principais agentes na paisagem da região, uma área que exala arte urbana, lugar de apropriação grafiteira. Ao acompanhar a pintura de uma parede nas imediações da UFPEL, perguntei aos artistas de rua Neves e Gordo qual a motivação para o desenho que realizavam. Diante da frequente dúvida sobre “onde fica o Porto?”, questionamento advindo das imprecisas delimitações do bairro, a resposta veio por meio de latas de tinta spray cuja inscrição indicava: “Bem vindo ao Porto!!”. Mais do que uma determinação de limites ou uma porta de entrada, a inscrição pode ser um convite para conhecer parte da história e da memória da cidade ainda latentes na região portuária de Pelotas.

O presente ensaio se deu a partir de pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da UFPEL, quando investiguei, em interlocução com grafiteiros da cidade, o processo de transformação urbana da região portuária pelotense, tema central de minha dissertação, defendida em agosto de 2018. Durante a investigação, fotografias tornaram-se um dos recursos principais na composição da metodologia. A “câmera na mão”, como preconizado por Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2013) através da “etnografia de rua”, constituiu instrumental importante no levantamento de dados. Assim, a fotografia assumiu uma função de investigação fazendo valer o “fotografar para descobrir” (GURAN, 2012), quando o pesquisador “se familiariza com seu objeto de estudo e formula as primeiras questões práticas com relação ao trabalho de campo propriamente dito” (*idem*: 67). Por meio da fotoetnografia, como sugere Luiz Eduardo Achutti (1997:14), propus-me a pensar e trabalhar o potencial narrativo-descritivo da fotografia. Combinado a essas perspectivas, as pranchas fotográficas elaboradas por Gregory Bateson e Margaret Mead (1942) propõem a constituição de narrativas fotográficas, e, desta forma, a compreensão do tema em questão se deu não só através de recursos textuais, mas também imagéticos.

---

<sup>3</sup> O Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), desenvolvido pelo Ministério da Educação, foi um programa do governo federal que teve como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Com o Reuni, o governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovessem a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. As ações do programa contemplaram o aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão, entre outras metas que tiveram o propósito de diminuir as desigualdades sociais no país. O Reuni foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, e é uma das ações que integraram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

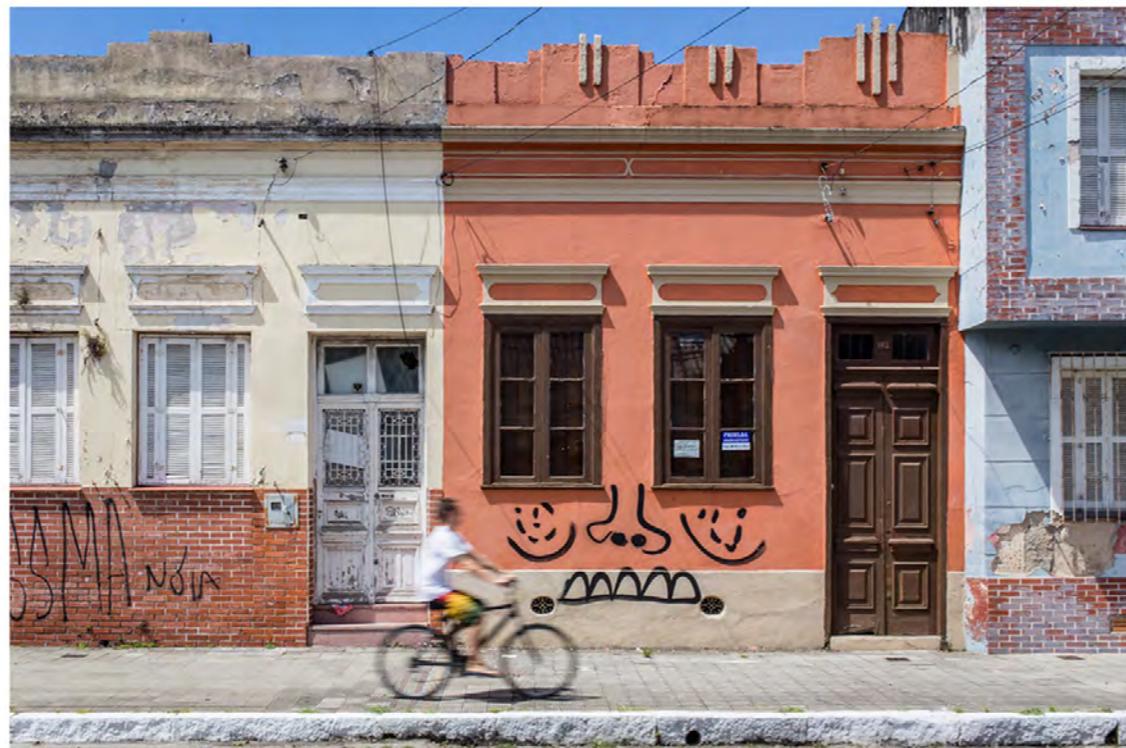
## REFERÊNCIAS

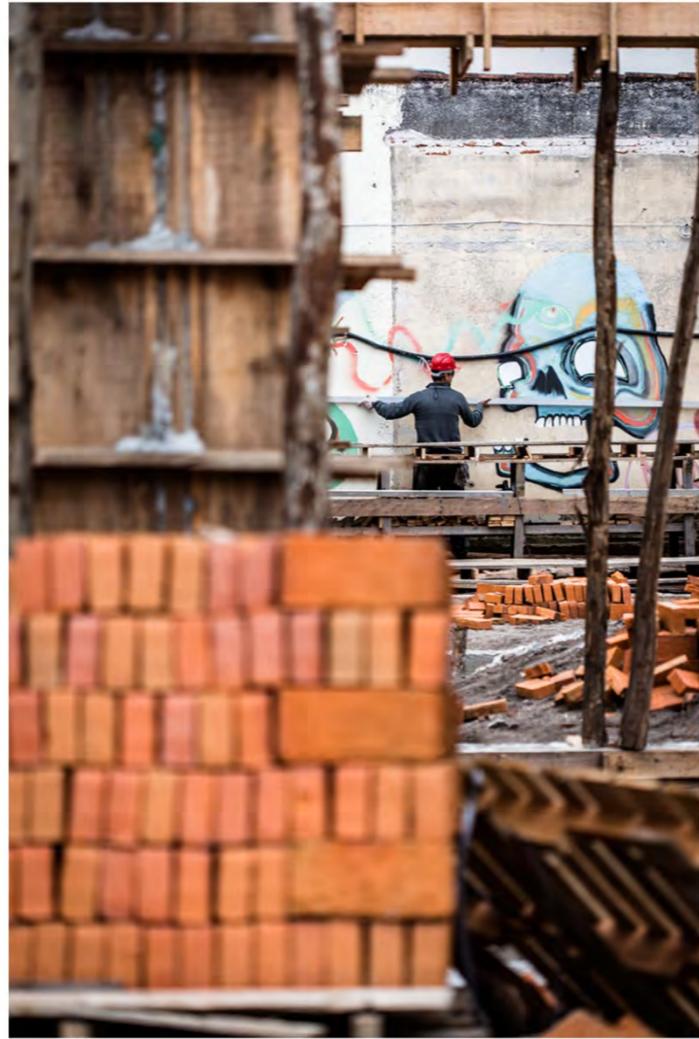
- ACHUTTI, L. E. R. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.
- BATESON, G.; MEAD, M. *Balinese character. a photographic analysis*. Special Publications of the New York Academy of Sciences, vol. 2, 1942.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013, p.21- 46.
- GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. Coleção primeiros passos - São Paulo: Brasiliense, 1999.
- GURAN, M. *Documentação fotográfica e pesquisa científica: notas e reflexões*. XII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, 2012.



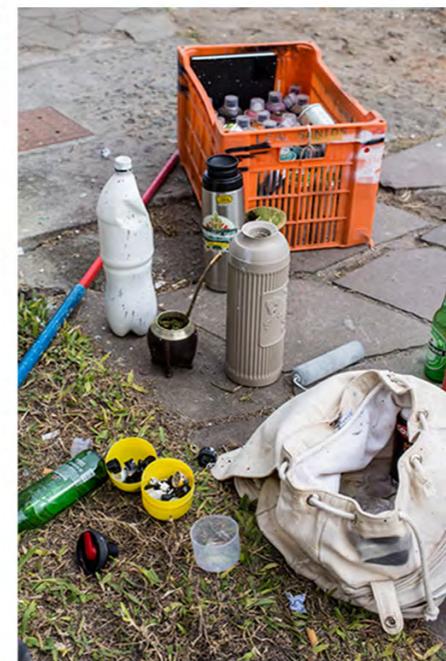




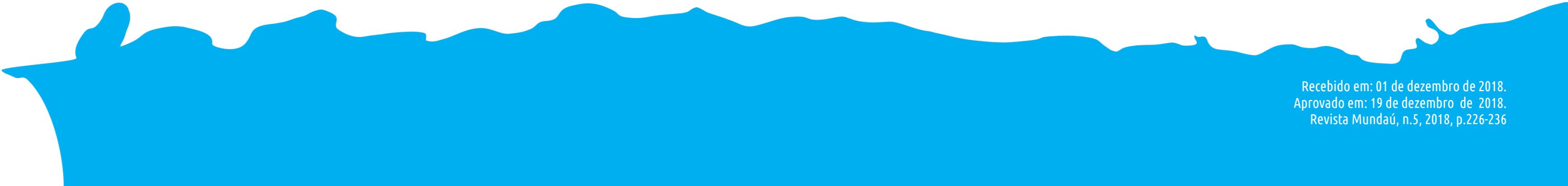








\* Todas as fotografias apresentadas foram realizadas pelo autor do ensaio no período entre junho de 2016 a novembro de 2018.



Recebido em: 01 de dezembro de 2018.  
Aprovado em: 19 de dezembro de 2018.  
Revista Mundaú, n.5, 2018, p.226-236